

José de Mesquita
Presidente da Academia Matogrossense de Letras

De Livia a Dona Carmo

(As mulheres na obra de Machado de Assis)

**These oferecida
ao 2º Congresso das Academias
e dos Intelectuaes do Brasil**

In: *Machado de Assis (estudos e ensaios)*, “Federação das Academias de Letras do Brasil”, Editora F. Briguiet & Cia., Rio de Janeiro, 1940, p. 7-30.

CALDWELL, Helen — O OTELO BRASILEIRO DE MACHADO DE ASSIS: Um estudo de Dom Casmurro. (The Brazilian Othello of Machado de Assis: a Study of Dom Casmurro. University of California Press. 1960. 194 p.): Trad. Fábio Fonseca de Melo. São Paulo. Ateliê Editorial. 2002. Cit. 6. Pg. 13.

⁶ Por exemplo, (. . .); José de Mesquita, “De Livia a Dona Carmo”, *Machado de Assis: Estudos e Ensaio*s, Rio de Janeiro, Federação das Academias de Letras do Brasil, 1940, pp. 15 a 28.

JOSÉ DE MESQUITA



José Barnabé de Mesquita

(*10/03/1892 †22/06/1961)

Cuiabá - Mato Grosso

Biblioteca Virtual José de Mesquita

<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>

I

Ha nos *Fragments d'un journal intime*, do subtil e, doloroso Amiel, uma pagina em que o artista e pensador genebrino descreve; ás oito e meia da manhã do dia 2 de setembro de 1863, a sua impressão dum desses sonhos que não parecem sonhos e sim pedaços de vida arrancados á realidade: «Colinmaillard dans le vide, cache-cache du destin malicieux; comment nommer l'insaisissable sensation qui m'a persecuté ce matin, dans le crépuscule du réveil? C'était une reminiscence charmante, mais vague, sans nom, sans contour, comme une figure de femme entrevue, par un malade dans l'obscurité de sac hambre et dans l'incertitude du délire. J'avais le sentiment distinct que c'était une figure sympathique rencontrée quelque part e qui m'avait ému un jour, puis retombée avec, le temps dans les catacombes de l'oubli. Mais tout le reste était confus, le lieu, l'occasion, la personne même, car je ne voyais pas son visage ni son expression. Le tout était comme un voile voltigeant sous, lequel serait cachée l'enigme du bonheur. Et j'étais assez éveillé pour être sur que ce n'était point un rêve» (I, pago 173).

Essa pagina de Amiel parece escripta para retratar, ao vivo, a impressão que me causam as figuras da galeria feminina da obra de Machado de Assis. Tudo ali está, num flagrante admirável: – «reminiscência encantadora, mas vaga, sem nome, sem contorno», e aquella «figura de mulher entrevista por um doente» «cabra-cega no vácuo, esconde-esconde do destino» mas «figura sympathica, encontrada alguma vez e que me commoveu um dia e depois cahida com o tempo nas catacumbas do esquecimento.» Aquelle resto «confuso, o logar, a ocasião, mesmo a pessoa, de que se não via o rosto nem a expressão» espelha de forma admirável esses typos machadianos que vão da *Lívia* do *Ressurreição* á *Dona Carmo* do *Memorial de Ayres*.

E sobretudo, ellas todas nos apparecem sob esse «véu voltijante que parece esconder o enigma da felicidade», véu mysterioso que envolve todas essas deliciosas criações dos romances e dos contos do delicado estylista das *Relíquias de casa velha*. Porque o segredo da arte machadiana está nesse meio-tom, que não é luz nem treva, e sim penumbra discreta, sombra de alma, leve, fluida, imponderável, que fica em nós após a leitura dos seus livros. As suas personagens são quasi incorpóreas. Elle não se preocupa com descrever o physico das suas heroínas, muito ao contrario dos românticos, á maneira de Macedo e Alencar. Interessa-se mais pela physionomia moral, pelo retrato interior, e si, uma que outra vez, allude aos traços exteriores, é para, em duas pinceladas, frisar a harmonia psychica e aparente.

Assim é que, em *Ressurreição*, ao nos dar, como costuma, em leves palhetadas, o retrato da protagonista, o que o preocupa mais é assignalar que «na testa lisa e larga, parecia que

nunca se formára a ruga da reflexão», mas logo após é elle mesmo que accentua «não obstante, quem examinasse naquelle momento o rosto da moça veria que ella não era estranha ás lutas interiores do pensamento.» E conclue dizendo: «Sentia-se que ella olhava com o espírito.»

Yáyá Garcia – outra das heroínas da primeira phase machadiana – «era leve, ágil, súbita – com um pouco de destimidez; ás vezes áspera, mas dotada de um espírito ondulante, esguio e não incapaz de reflexão e tenacidade». «Nisto – veja-se bem a mentalidade do autor nesta phrase – podia ficar o retrato da menina.» E insiste na expressão do olhar «que ameaçava ou penetrava, os refolhos da consciência alheia» e si fala da bocca é para realçar que «a expressão usual era outra, meiga ou indifferente, e mais de infância que de juventude» e que os lábios eram finos e *enérgicos*. Mas o melhor retrato é o que nesse mesmo romance elle nos dá de Estella – com «certo ar de resolução que lhe transparecia do rosto quieto e pallido» e com os «olhos grandes escuros, com uma expressão de virilidade moral, que dava á belleza o principal característico.»

Si das primeiras criações de Machado, passarmos á phase que se costuma chamar definitiva da sua obra, veremos ainda mais apurar-se o seu gosto e pendor pela descripção das heroínas através menos do seu physico do que das suas características psychicas. De Maria Cora – uma das mais impressivas figuras da galeria machadiana – nada se diz mais do que isto: «O sentimento geral é que era pessoa de fortes sentimentos e austeros costumes. Accrescentae a isto o espírito, um espírito agudo, brilhante e viril.»

A Virgília do Braz Cubas tem, como elle mesmo o diz, em

poucas linhas, «o retrato physico e moral» : – «clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos mysteriosos; muita preguiça e alguma devoção, – devoção, ou talvez medo, creio que medo» (pag. 91).

A bella Sophia, que encantou a Rubião, merece-lhe mais demoradas tintas, por ser «d'aquella casta de mulheres que o tempo, como um esculptor vagaroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias». Mas ainda assim ao realçar-lhe os dotes, lhes appõe superlativamente «attitudes e gestos escolhidos que fazem optimos os hombros, mãos e braços melhores.

E que dizer então da impressionante Capitolina, a Capitú do *D. Casmurro*, a figura mais desconcertante da obra machadiana? Toda ella ahí está naquelle capitulo XXXII – Olhos de ressaca – que «traziam não sei que fluido mysterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia...»

Para nos dar a vêr a, filha, do casal Baptista, a enigmática flora, do *Esáu e Jacob*, Machado começa dizendo que «nem a paixão de D. Claudia, nem o, aspecto governamental de Baptista distinguira a alma – a alma sempre em primeiro lugar – ou a figura da joven Flora.» E pinta-lhe «os olhos grandes e claros, menos sabedores, mas dotados de um mover particular, que não era o espalhado da mãe nem o apagado do pae, antes mavioso e pensativo...»

Mas onde mais se afinam as linhas da arte subtil do estupendo pintor de almas, é no retrato que nos offerece o *Memorial de Ayres* da senhora Aguiar, a boa D. Carmo. Sem quasi uma referencia objectiva, nós ficamos como que “vendó” e “percebendo” nitidamente o perfil da excellent creatura. «D. Carmo possui o dom de falar e viver por todas as feições, e um poder de attrair as pessoas, como terei visto em poucas mulheres ou raras» (pag. 19). «Nella a intensidade parece estar mais no sentimento que na expressão» (pag. 33). «Mas ainda uma vez notei que pareciam antes irmãs, tal a arte de D. Carmo em se fazer moça com as moças» (pag. 127 e passim).

E para notado que a qualquer concretização ou debuxo de fórmãs, a arte machadiana prefere, ao nos dar o perfil duma das suas magistraes criações femininas, a delicadeza dum traço moral que define vagamente – e quasi nunca define – a pessoa.

A Fidelia, a perturbadora viúva Noronha, do *Memorial de Ayres*, não está, toda ella nestas duas phrases ? – «O que naquella dama Fidelia me attrae é principalmente certa feição de espirito, algo parecida com o *sorriso fugitivo*, que já lhe vi algumas vezes » (pag. 50). « Esta Fidelia foge a alguma cousa, si não *foge a si mesma*» (pag. 171). Sempre o thema da evasão...

II

Foi Alfredo Pujol que notou, em suas Conferências, a indulgência, a piedade do autor de *D. Casmurro* pelas mulheres. Depois de frisar que a Machado de Assis faltava a malicia de Merimée para com o outro sexo, faz ver que «a sua ironia contra as mulheres é sempre branda e quasi innocente». Ha um preconceito que se espalhou por ahí fazendo crer que as criações femininas de Machado de Assis são todas «creaturas sem ternura, mulheres hesitantes e pérfidas» (Peregrino Junior — Doença e Constituição de Machado de Assis, pág. 155). Nada mais injusto, nem menos acertado. Ao contrario, com uma ou outra excepção — como aquella protagonista do *Singular occorrença*, que lembra, com tons menos carregados, o *Carro da Semana Santa* de Paulo Barreto — as heroínas machadianas são tímidas, discretas, sensatas e, no mais das vezes, até virtuosas. Ternas e delicadas — bem se pôde dizer da penna que as tracejou, sempre em leve *sfumato*, que ella foi casta, sempre alerta e em respeito ao pundonor femenino — como muito bem accentuou Cesário Prado no seu magnífico ensaio *Um pouco de Machado de Assis*.

Que figura de linhas mais nobres e puras ostentam as nossas letras do que essa D. Carmo, em que o autor do *Memorial de Ayres* retratou a própria esposa, no seu «suavissimo poema wagneriano da saudade», de accordo com a phrase feliz de Araripe Junior ? E criações suaves, doces, quasi vaporosas como a Flora do *Esáu e Jacob*, a Maria Regina do *Trio em lá-menor* — ambas irresolutas e ansiosas, acabando no sacrificio da sua própria indecisão, a Helena, encarnação sublime de amor de filha, Guiomar, Estella, a D. Conceição, da *Missa do Gallo* — passam, em grande copia, pelos contos e romances de Machado de Assis. Mesmo as pecadoras, como Virgilia e Capitú, elle as envolve dum halo de discreção e vela de suavidades os seus deslises, que como que prepara, em torno

dellas, um ambiente de indulgência... Sophia, a linda Sophia que enlouqueceu ao velho Rubião e encantou ao moço Carlos Maria, parece, ainda assim, uma creatura normal, de fundo honesto, que se revolta ante o pensamento da falta. Capitú, no capítulo CXXX, do *D. Casmurro*, fala com uma ternura capaz « de commover as pedras ».

Certo que não lhes falta, a ellas, um pouco daquella Adriana do *Primas de Sapucaia* que, quando pensativa, parecia « cheia de Eva, namorada do demônio, que lhe sussurra de fóra o que o coração lhe diz de dentro ».

Um ponto que Machado de Assis realça muito é a vaidade femenina — velho truismo, aliás, para usar, expressão delle mesmo. Há dois contos seus girando em torno do mesmo thema — *Uma senhora* e *O segredo de Augusta* — que são inspirados no medo de envelhecer, de ser avó. « A idéa de ser avó é horrível » põe elle na bocca duma das suas criações dos *Contos fluminenses*. D. Jacintha, de *Um erradio*, com a sua paixão intellectual pelo marido, que a desillude; a Yayá Lindinha, do *Eterno!* a Eugenia, do *Confissões duma viúva moça* — são irmãs pelo espírito, desenganado, mas honesto, talvez inquieto, nunca pérfido, porem, nem estonteado.

Onde, na galeria machadiana, mais vivo esponta o typo da mulher-brasileira, serena,boa, carinhosa, amiga do lar e dos seus, prompta a todos os sacrificios, é naquella Natividade do *Esáu e Jacob*, que. « cria deveras, esperava, rezava ás noites, pedindo ao céu que os fizesse (a seus dois gêmeos) grandes homens ».

Lucia Miguel Pereira, quenos deu, com a sua fina sensibilidade de mulher e de artista, um dos melhores estudos acerca do grande escriptor, diz que foi Carolina, « a companheira, a amiga, a confidente, a alma irmã » que lhe inspirou não só a figura central do *Memorial de Ayres*, mas ainda « veladamente embora, o grande carinho do romancista pelas mulheres puras e boas, pela mãe do Bentinho, pela Natividade de *Esáu e Jacob*, por todas essas mães e esposas admiráveis, que são, nos seus livros, a encarnação e o penhor da dignidade humana » ("Machado de Assis, pág. 200).

Bastariam essas meigas criações — de Natividade e da D. Gloria, para imprimir á obra machadiana um cunho profundamente humano e um alto sentido de equilibrio e nobreza moral.

III

Em Dona Gloria, a mãe de Bentinho Santiago, a figura materna encontra a sua mais completa exaltação. Ella pertence, como accentuou, com felicidade, Mario Casasanta, « ao lar mineiro, pela sua piedade, diligencia, equilibrio e simpatia humana » ("Minas e os mineiros na obra de Machado de Assis" pág. 70).

Num livro amargo, em que se pode dizer o travo da desillusão se mistura ás emoções mais fortes e doces, perpassa, envolta num halo suave de bondade, de ternura, de dedicação, esse vulto de mãe que redime a espécie humana, das suas erronias e descaídas. A penna de D. Casmurro, que se embebeu no amarume do desengano, para retratar outras figuras do romance, que se pode dizer o subtil e envolvente rythmo da perfidia femenina, distilla, entretanto, dulçores ineffaveis quando se refere á boa D. Gloria. Já no III capítulo é ella quem por primeiro se nos depara, sendo mesmo o dialogo inicial aberto com o seu nome:

— D. Gloria, a senhora persiste na idéia de metter o nosso Bentinho no seminário?

E José Dias quem fala e incute no espírito da bondosa senhora a noção do perigo que offerecia a gente do Pádua, vizinho da casa, os pais da enleante Capitú. Já aqui D. Gloria se revela em defesa do filho e manifestando a sua natural boa fé, cheia de simplicidade e de franqueza. E quando, mais ao diante, o mano Cosme procura dissuadil-a da promessa de fazer o filho padre, ella, na sua tremenda luta entre o espírito de crença e fidelidade aos compromissos e o seu apego ao filho, começa a chorar, provocando ao irmão a exclamação:

— Mas que é isso, mana Gloria? Está chorando ? ora esta ! Pois isto é causa, de lagrimas ?

Está apresentada, numa scêna impressiva, a primeira do livro, a personagem que, através das suas paginas todas, passará, num leve bosquejo de delicadeza e ternura, symbolizando os mais doces sentimentos da mulher brasileira.

DE LÍVIA A DONA CARMO

O retrato de D. Gloria vem no capítulo VII, que tem o seu nome: começa, como é do feitio machadiano, nos dando antes o desenho moral, os traços espirituais das pessoas: «Minha mãe era boa creatura. Quando lhe morreu o marido, Pedro de Albuquerque Santiago, contava trinta e um annos de idade e podia voltar para Itaguahy. Não quiz; preferiu ficar perto da igreja em que meu pae fôra sepultado.» E descreve-lhe, depois, o physico, em traços leves, como sóe fazer, preocupado, ainda aqui, mais com os gestos, com a indumentária, com as cousas e circumstancias que se prendem antes á expressão e ao lado moral e psychico: «Era ainda bonita e moça, (aos 42 anos) mas teimosa em esconder os saldos da juventude, por mais que a natureza quizesse preservá-la da acção do tempo. Vivia mettida em um eterno vestido escuro, sem adornos, com um chale preto, dobrado em triangulo e abrochado ao peito por um camafeu. Os cabellos em bandos eram apanhados sobre a nuca por um velho pente de tartaruga; alguma vez trazia touca branca de folhas.»

E quando se refere, logo depois, aos retratos do casal, na parede, si, a respeito do pae desce a pormenores somáticos – os olhos redondos, a cabelleira grande, a cara raspada – de D. Gloria o que diz é apenas isto: «O de minha mãe mostra que era linda. Contava então vinte annos e tinha uma flor entre os dedos.» Sempre o véu mysterioso, que prefere suggerir antes que fazer ver, nas suas deliciosas criações femininas.

Si os traços materiaes assim se fluidificam, em ligeiros esboços, a alma, o retrato interior, esse avulta, nitidiza-se, á medida que a novella avança e os acontecimentos se precipitam.

Mas – é bem de ver – sempre pelo mesmo processo, quasi intuitivo, de penetração, dando-nos, ás vezes, num simples gesto, todo um drama intimo. No capítulo XI, final, D. Gloria está toda, na sua immensa ternura, espelhada numa simples phrase: «Minha mãe ficava muita vez a olhar para mim, como alma perdida, ou pegava-me na mão, a pretexto de nada, para apertal-a muito» (pag. 32). E é sempre assim. Quando começa a transigir com a vida, accetando, mal a seu grado, a desistência da promessa, elle diz: «Minha mãe sorriu para mim, *cheia de amor e de tristeza*» (p. 108).

Naquelle capítulo que é uma obra prima de observação – A audiência secreta – em que mãe e filho debatem a questão do Seminário, D. Gloria nos apparece em todo o esplendor da ternura maternal. Quer reprehender o filho, que se obstina contra a vocação imposta, mas «a voz lhe tremia» e «tinha os olhos humidos». Logo depois; reprehende-o «sem aspereza», para falar-lhe «gravemente e longamente sobre a promessa que fizera.» O fundo crente e honesto do seu sêr se reflecte nas palavras com que defende os seus

JOSÉ DE MESQUITA

compromissos: «Nosso Senhor me acudiu, salvando a tua existência, não lhe hei de mentir nem faltar, Bentinho ...» (pag. 128). No capítulo L nova pincelada nos descreve D. Gloria, diante do assedio envolvente de Capitú: «Minha mãe era de natural sympathico e igualmente sensível; tanto se doía como se aprazia de, qualquer coisa» (pag. 151).

Vem a despedida, ao partir para o seminário. Ainda a mesma discreção, que, nas obras de Machado de Assis, embelleza e enobrece as grandes dores. «Minha mãe apertava-me ao peito.» É só. Mas, logo após, através da descripção do José Dias, a saudade do «maior dos corações»: e assim pinta «a tristeza de minha mãe, que falava de mim todos os dias, quasi a todas as horas» (pag. 180). Numa das suas sahidas, Bentinho relata a solitudine de D. Gloria nestes termos expressivos: «Minha mãe depois que lhe respondi ás mil perguntas que me fez sobre o tratamento que me davam, os estudos, as relações, a disciplina, e se me doía alguma cousa, e se dormia bem, tudo o que a ternura das mães inventa para cançar a paciência de um filho...» (pag. 193).

D. Gloria adoce e Bentinho é chamado para vê-la. Temos aqui um outro passo. impressivo do romance, em que o amor materno parece constituir um *leit-motif* sentimental: «... debruçado sobre a cama, ouvia as palavras ternas de minha mãe que me apertava muito as mãos chamando-me seu filho. Estava queimando, os olhos ardiam nos meus, toda ella parecia consumida num vulcão interno» (pag. 201).

Traços do caráter e do temperamento de D. Gloria enchem todo o livro e longe iria si me pusesse a respigal-os. Aqui é a referencia ás suas praticas religiosas de mulher «temente a Deus» e á «fé pura que as animava» (pag. 231). Ali é o seu apego ao lar, á casa, aos velhos escravos, na palestra com Escobar, concluindo pelo conceito deste da «belleza moral que se ajusta á physica», para definil-a como um «anjo dobrado» (pag. 264). Typo de mulher brasileira, á antiga, «exprimiam bem a fidelidade aos velhos hábitos, velhas maneiras, velhas idéas, velhas modas» (pag. 250). Sua ternura transparece a cada passo, dando-nos, nesta novella da perfidia, a impressão viva de que o amor feminino se redime e se sublima pela maternidade: «Minha mãe beijava me com uma ternura que não sei descrever» – conta-nos Bentinho, ao narrar o seu regresso, formado, e resume a emoção materna em uma phrase: «Tu serás feliz, Bentinho!», que é a epigraphe do Capítulo C.

Não contente de taes desvelos, ainda quis revelar a dedicação de D. Gloria pela nora, quando foi do nascimento do filho (pag. 305) e, rasgando a ponta do véu que vai mostrar a tragédia final,

DE LÍVIA A DONA CARMO

descreve D. Gloria «um tanto fria e arredia» com Capitú (pag. 324). Quando, no epílogo doloroso do drama, Bentinho se dispõe a uma loucura, é na casa de D. Gloria que vai encontrar socego, e recapitula a sua impressão nestes conceitos: «Passei uma hora em paz. Cheguei a abrir mão do projecto. Que era preciso para viver? Nunca mais deixar aquella casa, ou prender aquella hora a mim mesmo...» (pag. 365). E, finalmente, ao registrar a morte de D. Gloria, discretíssimo, é na inscrição que lhe fez gravar sobre a lapide, que condensa «todas as virtudes que a finada possuiu na vida». Não lhe põe nome nem individuação alguma. Duas palavras a definem e valem pela mais elevada e sublime biographia com que este desilludido pessimista proclama a grandeza e a belleza moral da mulher – *Uma Santa*.

IV

Como D. Gloria, embora sem a precisão de contornos psychicos, a Natividade, do *Esáu e Jacob*, realiza o typo materno, numa delicadeza de traços que a dualidade opposta dos filhos vem pôr ainda em maior flagrância. Também ella «cria deveras, esperava, rezava ás noites, pedia ao céu que os fizesse grandes homens» («Esáu e Jacob», pag. 29).

Como a outra, ella vivia para o lar e para os seus. Referindo-se ao seu perfeito entendimento com o esposo, á comprehensão recíproca que entre ambos havia, assim conceitua Machado de Assis: «Longa vida conjuncta acaba por fazer da ternura uma cousa grave e espiritual». O mesmo carinho, a mesma solicitude pelos filhos; não precisaria mais do que lêr aquelle capitolo *Penúltimo* que é o resumo de todo o amor desta pobre mãe que, ao sentir que morria, pede aos filhos gêmeos e contrários «um favor grande e único», o de serem amigos, «amigos para todo sempre». E acrescenta: «Sua mãe padecerá no outro mundo, si os não vir amigos neste».

Parecerão banaes, muito terra-a-terra, taes expansões do sentimento. Mas é preciso ver que, como conceitou o próprio Machado de Assis, pela penna do Conselheiro Ayres, no *Memorial*: «Na mulher, o sexo corrige a banalidade; no homem, agrava». A psychologia femenina é feita mais de intuição, de ternura, dessas delicadas meias-tintas, que põe o auctor das *Relíquias* no tracejar a paisagem interior dos seus personagens.

JOSÉ DE MESQUITA

Outra asseveração que cai pela base, á simples observação, é a que dá as criações machadianas como tristes, enfezadas e muito sem communicação com a vida externa. Peguêmos, por exemplo, a Mana Rita, que apparece no *Esáu e Jacob* e, mais de perto, no *Memorial de Ayres*. Mana Rita é uma creatura boa e alegre. Assim nol-a apresenta o Conselheiro desde quando diz, no cemitério: «A mana é boa creatura, não menos *que alegre*» (pag. 6 do *Memorial*). Apparece sempre risonha, transpira bom-humor, saúde e vivacidade, pesar da idade. Quando Ayres lhe queixa do rheumatismo, ella «que a principio não queria crer, e ria» acaba convencida e contristada, para logo depois trocar muitas palavras amigas e doces, *algumas alegres*. No anniversario do irmão, vem jantar «com a *alegria do costume*» e o registro do diário de 17 de outubro se encerra com estas palavras: «Ri-me e fômos para a meza, que estava posta. Ao centro, um ramo de flores, idéia della, que o mandou trazer ás escondidas, e como eu lhe perguntasse si era das que Fidelia encommendara, riu-se também. Agradei-lhe a lembrança, exprimindo-lhe todo o meu affecto, comemos *alegremente*, recordando anedotas de infância e da família» (pag. 172).

Bem visto está que, longe de constituir uma galeria de «anormaes, creaturas sem ternura, mulheres hesitantes e pérfidas», as criações femininas de Machado de Assis offerecem aos nossos olhos admiráveis typos de belleza moral, de virtudes domesticas, de nobres e altos attributos que exornam a alma da mulher brasileira. Para uma Capitú, dissimulada e obliqua, ou uma Virgilia, que conciliava o seu amor peccaminoso com a consideração publica, quantas Dona Carmo, Natividade, Dona Gloria, Rita, Helena, Estella e outras mulheres que amam, e soffrem, e vivem, num mundo de equilibrio moral, e para as quaes, como para a bonissima esposa de Aguiar, «bordar, cozer, trabalhar, enfim, é um modo de amar». São essas, seguramente, as criações de Machado de Assis que, usando phrase sua, foram tecidas com o coração. Ficam valendo como symbolos extraordinários da bondade e da pureza feminina. Desenhadas com aquella arte de velaturas, que o nosso grande romancista possuía como bem poucos, ellas passam, reflectindo a alma ondulante e vaga da mulher, nos seus contornos vagos e imprecisos, mas deixando em nós a doce impressão de serenidade e de doçura que as heroínas românticas nunca poderão produzir.

V

O homem que Augusto Meyer definiu finamente como «uma colônia de almas contraditórias» (“Machado de Assis”, pág. 108) foi, realmente, uma figura única e singular nas nossas letras. Discreto, num país de derramados, casto, numa literatura impregnada de erotismo, vivendo profundamente a «vida interior», em meio a uma natureza empolgante e imantadora, Machado de Assis revela-se-nos também inconfundível na sua conceituação antithetica da alma feminina. Algumas das suas criações, por isso mesmo, perturbam e deixam-nos na mente esse enleio misterioso das esphinges. E em todas ellas se sente, sob o véu, «o enigma da felicidade», de que nos fala a pagina de Amiel referida no começo deste ensaio.

Typicas, entretanto, ficam sendo, no gênero, a Flora, do *Esáu e Jacob*, a Sophia, do *Quincas Borba* e a Capitú, do *D. Casmurro*. A primeira é a hesitação – o thema predilecto e a constante, póde-se dizer, da obra machadiana- aquella inibição diante da vida e dos seus problemas, o receio, de escolher, de decidir, fazendo perder as melhores oportunidades. *Combien de gens ratent leur vie par nonchalance !* – exclamava, num dos seus magistraes trabalhos, o grande novellista Guy de Maupassant. Os personagens de Machado de Assis pertencem, geralmente, a essa espécie de tímidos, que; devido á sua constituição mental, dominada pela ambivalência, ficam á margem da existência, preferindo ao papel de adores a situação de simples espectadores.

Nessa galeria, encabeçada pela Flora, se enfileiram aquella *D. Benedicta*, que ouvia, no sonho, o «casa... não casará...» e a heroína do *Trio em lá menor*, a Maria Regina, symbolo da «alma curiosa de perfeição» e desse «oscillar por toda a eternidade entre dois astros incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá.. lá, lá... »

Sophia, essa é a mulher que vemos a cada passo, de que a sociedade oferece inumeros e variados exemplares. Vaidosa, cônica do seu domínio, frívola, guardando, entanto, o seu renome, essa convencional honestidade, que nem sempre condiz com a do espírito, mas, em todo caso, recatada. Ante a investida de Rubião e a semi-complacencia do Palha – ella toma aquella attitude tergiversante do capitulo I – que se poderia dizer o capitulo das reticências... Com Carlos Maria, o romance, iniciado, se balda, devido á intervenção do casamento. Mas lá estão, no cap. CV, «as acquiescencias fáceis, os perdões antecipados, os olhos com que o buscava, os apertos de mão tão fortes ». Toda ella está naquella «trintona fresca e robusta» que, inaugurando os seus salões de Botafogo, «ostentava, sem orgulho, todos os seus braços e espáduas ». Vaidade fútil, honestidade que se defende menos por principio que por simples conveniência...

Chegamos a ultima das três – a alliciante Capitulina, em que o romancista encarnou, melhor do que em nenhuma outra das suas criações, a Eva diabólica e tentadora, trazendo do berço o estigma da seducção, aquelle poder irresistível dos seus «olhos de ressaca », em que parece haver um pouco da fatalidade das leis cósmicas, a que se não pode fugir: E de notar, porém, a delicadeza com que passa, na trama subtil do romance, a falta de Capitú, de que só se apercebe o próprio leitor através da semelhança do Ezequiel com o pai. Sempre a velatura, o meio tom, a levêza do véu misterioso, tão em contrario aos repugnantes processo em voga do naturalismo, aprazendo-se em cruas e torpes descrições, daquellas que elle censurou nos livros de Eça de Queiroz, como de um «realismo sem condescendência», que faz talhar as mulheres «pelos aspetos e trejeitos da concupiscencia» (“Critica”, pág. 69).

VI

A mulher que resáe da galeria machadiana, numa impressão de conjuncto, que diremos ser a *media feminina* por elle estabelecida, não será, pois, jamais essa creatura viciada, artificial, impregnada de frivolidade em que «o erotismo domina mais do que se devéra esperar» – como o próprio Machado de Assis se referiu ao romance *Flor de sangue*, de Valentim Magalhães, accentuando, com a opinião de Lucio de Mendonça, que jamais «tal vida fosse a da nossa sociedade» (“A Semana”, pág. 402).

Certo, não romantiza nem espiritualiza as suas heroínas, pois as copia da vida, qual ellas nol-as offerecem, como o claro-escuro das paisagens humanas e os altos e baixos do panorama interior. O seu juízo acerca das mulheres está todo elle naquella phrase do Valentim, da comedia *O Caminho da Porta*, quando, respondendo á interpeção de Carlota: – «Como pensa a respeito das mulheres?» – affirma: «Aí é mais difficil. Penso muito e não penso nada. Não sei como avaliar essa outra parte da humanidade extraída das costelas de Adão. Quem pôde pôr leis ao mar? É o mesmo com as mulheres. O melhor é navegar descuidadamente, a pano largo.»

O que não padece duvida é que o artista que, como poeta, nos herdou aquelles encantadores *Versos a Corina*, conserva, a despeito de todas as suas dúvidas e negações, uma attitude de respeito, se não que de piedade, pelas fraquezas femininas, procurando, por outro lado, enaltecer o lado nobre e sympathico da mulher. Teve o cuidado, que se não dissimula em todas as suas obras, de pôr sempre lado a lado de cada uma dessas criaturas enigmáticas ou pérfidas dos seus romances, outras de alma franca e aberta, como que salvando ou redimindo a espécie humana.

Em meio aos aclives tortuosos e íngremes da paixão, elle faz surgir mulheres puras e rectas, da estructura moral de uma

Natividade, de uma D. Gloria e, principalmente, de uma D. Carmo – cujo modelo lhe forneceu o próprio lar – e nas quaes parece ter procurado fixar a verdadeira interpretação da sua alma em face do eterno feminino.

Mas – é claro – a arte machadiana, como a de nenhum outro escriptor, não poderia confinar-se apenas ás imagens colhidas na sua ambiência familiar. Reflectindo a vida, nas suas arestas variadas, teria, por sem duvida, que apanhar, tal como o lago, tanto a belleza do céu, como as nuvens escuras que, por vezes, lhe fazem o sombrêjo. Censural-o por isso fora o mesmo que criminar o autor dessa amalgama de que se faz o ser humano, espírito luminoso aprisionado dentro da argilla frágil – participante, a um só tempo, da nostalgia da lama, de que foi feito e dos impulsos superiores desse sopro divino que o anima e o dignifica entre os demais seres da criação.

(Cuiabá, Abril, MCMXXXIX).